

“EU SEI QUE VOU TE AMAR”

ou te amar é impossível?

O filme de Jabor nos lança em cheio na questão do amor institucionalizado, ou seja, do amor no casamento. É possível amar nos estreitos limites que nos impõe a união burguesa cristã? Paradoxo: ante o amor enquanto sentimento naturalmente insubmisso e subversivo das fronteiras, no enquadramento limitador de casamento. Lembro aqui Teilhard de Chardin. Nos diz ele que o amor é naturalmente sem fronteiras, fluente e que a sociedade o canaliza em compartimentos estanques para que este não perturbe a “ordem social” em que vivemos. O amor é pluralidade, movimento dispersivo, policentrado, fluxo. A institucionalização é o seu apodrecimento, amesquinamento e morte.

É o que vemos no filme: um jovem casal, recém-separado se reencontra para discutir a experiência vivida: o amor, a impossibilidade de vivenciá-lo no interior de um casamento nos padrões da fidelidade compulsória, monogâmica. A separação não nasce do fim do amor entre eles mas da impossibilidade de amarem-se e permanecerem no jugo do casamento.

O casamento deles implode. E partir de que? De seu contrário negador: a prostituição dela e homossexualidade passiva dele. Ao papel da mãe e esposa. Ela contrapõe a puta (“Todas as mulheres do Brasil deveriam ser putas” diz ela num dos seus diálogos com o companheiro) e Ele, por sua vez, ao papel de marido-pai-ativo contrapõe a passividade sexual com toda gama de estigmatização que ela significa. Estigmatização elevada ao cubo já que Ele é “comi-

do” pela Merylin Monroe, um travesti. Desta passagem pelo avesso renascem outras pessoas. Livres dos rígidos papéis de marido e mulher. Multiplicação de fluxos; fusão de papéis tidos como antagônicos - “Você, diz Ele, é minha filha com a Merylin Monroe, ao que Ela responde: - e eu sou a puta que nos pariu”.

Desta “trip” não é possível voltar a instalar-se no conforto medíocre do casamento já que este pede papéis bem definidos, espaços e cenas bem delimitadas, tudo correndo nos “trilhos”. A separação é um desfecho possível. Um outro (o mais usual) seria a mentira hipócrita, a manutenção do status quo. Ele tendo as suas “saídas” com a Merylin e Ela fazendo seus “passeios” pela área da prostituição. Mas os personagens são radicais (vão às raízes das coisas) e optam pela separação. Separação não desprovida de sofrimento visto que os dois se amam.

“Eu sei que vou te amar” é um libelo contra o apequenmento de homens e mulheres no interior do casamento burguês-cristão e um apelo a reinvenção das relações entre os sexos, entre os seres humanos. Um convite ao espírito de liberdade desejo de evadir-se de grilhões que nos impuseram: um desejo de afirmação da vida contra a miséria e a morte reinante no aprisionamento estereotipado da instituição conjugal.

Enquanto alguns se alegram com o fim do sonho, com a onda retrô dos anos 80, Jabor ousa não uma solução mas um desafio para aqueles que não acreditam que vivemos nos melhores dos mundos.

FRANCISCO J.A. DOS SANTOS